

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Destaque: (em negrito) Matérias que citam o Ministro Bento Albuquerque ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: Valor Econômico.....	2
Título: Petroleiros sinalizam com fim da greve.....	2
Título: Impulso chinês leva Duque de Caxias a pódio da exportação	3
Título: Petrobras alerta sobre impacto do coronavírus no resultado do 1º tri	6
Título: Energia renovável vai entrar no radar em 2 anos.....	8
Título: Destaques	9
Título: Baixa contábil leva Vale ao prejuízo no 4º tri	10
Título: Ultra vê melhora no ano em dia de queda das ações	12
Título: Curtas	14
Título: Avança novo plano para sanear déficit da Petros.....	14
VEÍCULO: O Estado de S. Paulo	16
Título: Na produção, outro recorde da Petrobrás	16
Título: Petroleiros suspendem greve para negociar com Petrobrás demissão de centenas..	17
Título: Montadoras investem em postos de recarga para fomentar híbridos.....	17
Título: No ano da tragédia de Brumadinho, Vale tem prejuízo de US\$ 1,7 bilhão	18
Título: Vale sabia dos riscos de Brumadinho	20
VEÍCULO: Folha de S. Paulo	21
Título: Após 20 dias, petroleiros suspendem greve na Petrobras	21
Título: Menos poluente, petróleo do pré-sal chega a ser vendido mais caro que Brent	22
Título: Tomada	24
Título: Vale tem perda de R\$ 6,7 bi no ano da tragédia de Brumadinho	25
VEÍCULO: O Globo	26
Título: Petroleiros se opõem à reforma da Petrobras	26

Título: Após 20 dias, petroleiros aprovam suspensão de greve	28
Título: Alerj suspende decreto que daria isenção fiscal a usinas termelétricas	29
Título: Com Brumadinho, Vale perde R\$ 6,6 bi em 2019.....	31
VEÍCULO: Correio Braziliense.....	32
Título: Greve não afeta abastecimento.....	32

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 21/02/2020

Seção: Brasil

Autor: André Ramalho — Do Rio

Título: Petroleiros sinalizam com fim da greve

FUP diz que vai negociar com a Petrobras a partir de hoje em Brasília

A Federação Única dos Petroleiros (FUP) informou que o indicativo de suspensão temporária da greve da categoria, para retomada das negociações com a Petrobras, foi aprovado, em assembleia, pelos sindicatos filiados. A paralisação completou ontem 20 dias. O Sindipetro do Norte Fluminense convocou assembleias para hoje.

“Com isso, os petroleiros reforçam sua disposição em dialogar com a Petrobras na manhã desta sexta-feira [21], em Brasília, em audiência de mediação proposta pelo ministro Ives Gandra, do Tribunal Superior do Trabalho [TST]”, esclareceu a FUP em nota.

Ainda segundo a federação, com a suspensão temporária da greve, os quatro integrantes da Comissão Permanente de Negociação, que ocupavam uma das salas da sede da estatal, partem para Brasília, para participar da audiência de mediação, que contará também com a participação do Ministério Público do Trabalho (MPT).

A greve protesta contra a demissão de mil empregados, incluindo terceirizados, da fábrica de fertilizantes de Araucária (PR), que será paralisada.

Esta semana, a desembargadora Rosalie Michaelle Bacila Batista, do Tribunal Regional do Trabalho da 9ª Região, no Paraná, determinou a suspensão das demissões até audiência marcada para 6 de março.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 21/02/2020

Seção: Especial

Autor: Anaís Fernandes e Álvaro Fagundes — De São Paulo

Título: Impulso chinês leva Duque de Caxias a pódio da exportação

Na contramão da queda das exportações brasileiras, o município de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, aproveitou o interesse chinês por petróleo e tornou-se a segunda maior cidade exportadora do país, desbancando São Paulo, Angra dos Reis (RJ) e Parauapebas (berço de minério de ferro no Pará). A cidade só perdeu em 2019 para o Rio de Janeiro.

Enquanto as exportações brasileiras recuaram 5,8%, ante o ano anterior, as vendas internacionais creditadas a Duque de Caxias mais do que dobraram no período, passando de US\$ 4,97 bilhões para US\$ 10,44 bilhões (alta de 110%). O desempenho também destoou do obtido pelo Estado do Rio (queda de 5,5%). Com isso, a participação de Duque de Caxias nas vendas do Rio subiu de 15% em 2018 para 34% em 2019.

O Rio de Janeiro se manteve como maior cidade exportadora do país, apesar da queda de 15% nas vendas externas, a US\$ 11,31 bilhões. Considerando apenas exportação de combustíveis, porém, Duque de Caxias é a líder, responsável por um terço de tudo o que sai do Brasil. O volume mais expressivo é do óleo bruto: US\$ 8,9 bilhões, ou 85% das vendas do município em 2019.

A virada do município ocorreu entre 2017 e 2018, quando as exportações gerais saltaram de US\$ 1,1 bilhão para os quase US\$ 5 bilhões. Foi em 2018 que exportações de petróleo bruto à China começaram a ser creditadas a Duque de Caxias. Em 2017, o país asiático era apenas o quinto destino das vendas internacionais da cidade fluminense, com 2% de participação. Em 2019, as exportações à China atingiram US\$ 6,5 bilhões, ou 63% do total.

O crescimento das exportações relacionadas a petróleo em Duque de Caxias contrasta com o movimento em Angra dos Reis, cidade que foi perdendo relevância no setor e depende agora de aparelhos mecânicos, como extintores. O Rio segue com exportações concentradas em combustíveis, enquanto a cidade de São Paulo tem uma pauta mais diversificada, com commodities, como soja e açúcar, mas também objetos de arte e turborreatores.

Duque de Caxias abriga a refinaria Reduc, da Petrobras, uma das maiores do país. A unidade se destaca na produção de lubrificantes e no processamento de gás natural, mas o óleo bruto não é exportado diretamente de lá. A explicação, segundo especialistas, é que as produções da Bacia de Campos e, cada vez mais, da área do pré-sal da Bacia de Santos encontram na Reduc alta capacidade de armazenamento e vasta conexão de dutos a terminais, de onde o óleo pode ser exportado.

Carlos Soutinho de Mello, secretário de Fazenda e Planejamento de Duque de Caxias, afirma que o município não oferece vantagem fiscal para a exportação ser creditada à cidade. “Não temos porto, mas temos oleodutos, o produto passa por aqui e é o último local de armazenamento”, diz. Procurada, a Petrobras não explicou sua operação na região.

Para Alexandre Szklo, professor do Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia (Coppe-UFRJ), o que mudou nos últimos anos foi a logística de Duque de Caxias ser usada como “rampa de produção” do pré-sal do Rio.

A Petrobras produziu no ano passado 2,172 milhões de barris/dia de petróleo no Brasil, alta de 6,7% ante o ano anterior - só o pré-sal respondeu por 59% do óleo produzido por ela no país. As exportações de petróleo somaram 536 mil barris diários, crescimento de 25% ante 2018. A China é responsável por 75% do óleo cru que a estatal exporta.

Com a produção crescente, é natural a Petrobras se voltar para o maior consumidor do mundo, diz Adriano Pires, diretor do Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIE). “Além disso, bancos chineses foram grandes credores da Petrobras e, nesses contratos, quase sempre a contrapartida é em petróleo”, ele explica. Dados do Global Development Policy Center mostram que, entre 2015 e 2017, o Banco de Desenvolvimento da China e o Banco de Exportação e Importação do país emprestaram juntos US\$ 28,2 bilhões à Petrobras.

Mais do que um dado de balança comercial, a guinada de Duque de Caxias pode elevar a arrecadação do município. O ganho em atividade econômica aumenta o Valor Adicionado Fiscal (VAF) da cidade, critério considerado para o Estado repassar ICMS aos municípios, explica Sol Garson, professora da UFRJ e ex-secretária de Finanças da capital do Rio.

“A cada R\$ 100 que o Estado arrecada de ICMS, tem que dar R\$ 25 para os municípios. Três quartos desse valor são distribuídos de acordo com o VAF da cidade. Quando Duque de Caxias aumenta a atividade relacionada a petróleo, ganha mais no rateio”, afirma Garson. Um efeito mais claro, porém, não deve

vir antes de 2021. “Pode ter um ganho legal, mas há defasagem de dois anos. A atividade em 2019 só vai impactar a distribuição de 2021 e 2022”, diz.

O grosso do repasse de ICMS do Rio de Janeiro a Caxias somou R\$ 687,7 milhões em 2019, segundo a Fazenda do Estado, atrás apenas da capital, que recebeu R\$ 1,9 bilhão. Carlos Mello diz que o ICMS é a maior fonte de receita de Caxias, com peso de 30%.

Em conurbação com a capital, Duque de Caxias é o terceiro maior município do Estado, com população estimada em 919,6 mil, segundo o IBGE. Em 2017, último dado do instituto, o município tinha peso de 6% no Produto Interno Bruto (PIB) do Estado.

Ainda assim, Duque de Caxias tem características de cidades periféricas da região metropolitana, diz Marcelo Ribeiro, professor do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da UFRJ e pesquisador do Observatório das Metrôpoles. “Algumas áreas têm núcleo mais consolidado, com infraestrutura, mas, no geral, a cidade tem problema de pavimentação, iluminação, rede de esgoto e água. O petróleo representar mais de 80% das exportações não significa que isso já se converteu em melhoria social.”

Ribeiro destaca os números do emprego. Pelos dados do Caged (que mede o mercado de trabalho formal), o saldo de 2019 ficou positivo para Duque de Caxias pela primeira vez desde 2014, com a criação de 516 vagas. “Ainda é muito pouco, não é suficiente para compensar as perdas do período”, diz Ribeiro. Entre 2015 e 2018, Duque de Caxias perdeu 34,7 mil postos com carteira.

Investimentos também avançam pouco. Representavam 3,8% das receitas de 2019, pelos dados enviados pelo município ao Tesouro. Em 2015 - como 2019, o ano anterior ao das eleições para prefeito do ciclo político passado -, a relação era de 3,7%. No terceiro ano de mandato, esse tipo de despesa costuma aumentar.

“Observamos a ausência da cultura de planejamento, e isso é geral no país”, diz José Luis Vianna da Cruz, professor da Universidade Cândido Mendes e coordenador do InfoRoyalties. “A questão do emprego é consequência, não há encadeamento dos investimentos com os outros segmentos de produção”, afirma, Mello, da Secretaria de Fazenda, reconhece que “as dificuldades são grandes”, mas diz que o município tem feito investimentos “de forma consciente”.

VEÍCULO: Valor Econômico**Data: 21/02/2020****Seção: Empresas****Autor: André Ramalho e Rodrigo Polito — Do Rio****Título: Petrobras alerta sobre impacto do coronavírus no resultado do 1º tri**

A Petrobras prevê que os efeitos da epidemia de coronavírus se reflitam no resultado do primeiro trimestre. Mesmo sem ter detectado redução nas exportações de petróleo para a China, o seu principal mercado, a estatal espera um impacto devido à queda do preço do petróleo. Além disso, por causa da crise sanitária, a companhia vê uma diminuição da margem na venda de bunker (óleo marítimo) para a Ásia - um negócio sobre o qual a empresa deposita grande expectativa.

Independentemente dos efeitos do coronavírus, a diretora de Refino e Gás Natural da Petrobras, Anelise Lara, disse ontem que a empresa buscará diversificar o destino de suas exportações. A China é responsável por comprar, segundo ela, 65% do volume de óleo bruto exportado pela companhia.

“Estamos com nosso petróleo muito bem aceito na Europa e nos EUA. E estamos fazendo uma busca por novos mercados, como o indiano por exemplo. Temos contatos com empresas de petróleo da Índia, que também estão interessadas nesse óleo de baixo teor de enxofre [do pré-sal]”, afirmou a executiva, em entrevista coletiva.

A Agência Internacional de Energia (AIE) destaca que a demanda global por petróleo foi “duramente afetada” pela epidemia de coronavírus e pelo “desligamento generalizado” da economia da China. A AIE estima que o consumo mundial da commodity caia 435 mil barris/dia no primeiro trimestre, em relação a igual período do ano passado. O número representa a maior contração trimestral em mais de dez anos. A previsão da agência é que, para 2020, a demanda global cresça 825 mil barris/dia (o menor patamar desde 2011), o que representa um corte de 365 mil barris diários nas projeções.

O presidente da Petrobras, Roberto Castello Branco, afirmou que o mercado mundial passa por um “choque de demanda”, no consumo de energia, mas também um “choque de oferta”, na medida em que muitas fábricas estão fechadas na China. Ele acredita, porém, que o impacto do coronavírus sobre a economia global será temporário.

“No próximo trimestre veremos uma reacomodação [do mercado] e, no terceiro trimestre, começa a haver uma recuperação [do consumo]” disse o executivo. “O coronavírus não teve efeito em quantidades [de exportação de petróleo], mas teve efeito nos preços. Os mercados antecipam os efeitos na atividade econômica. É só observar o comportamento dos preços do petróleo. Houve uma queda, que vai se refletir no nosso resultado do primeiro trimestre. Dizer quanto é [o efeito] agora é prematuro, porque estamos no meio do trimestre”, afirmou ele, citando recordes na exportação de óleo em janeiro.

De acordo com Anelise, independentemente do coronavírus, as exportações da estatal devem cair no primeiro trimestre. Segundo ela, a queda da demanda global coincide com a programação de paradas para manutenção das plataformas da companhia.

“No primeiro trimestre, haverá paradas de manutenção de algumas plataformas. Isso reduz a produção. Como precisamos [de óleo] para as refinarias, provavelmente reduziremos as exportações nesse primeiro trimestre”, afirmou ela.

Além da projeção sobre exportações, o coronavírus tem afetado também os preços do bunker vendido pela estatal na Ásia. No início do ano, a Petrobras esperava ter um ganho adicional da ordem de US\$ 1 bilhão em 2020 no negócio de abastecimento de bunker, em relação a 2018, devido ao aquecimento do mercado com a regulamentação do IMO 2020 - que passou a exigir neste ano percentuais menores de enxofre na composição do combustível. A nova regulação favorece tanto as exportações de bunker quanto de óleo cru do pré-sal - que já tem, por natureza, baixo teor de enxofre.

Destacando a valorização do óleo do pré-sal no mercado, Anelise citou que, antes da crise do coronavírus, a Petrobras chegou a vender na China o barril do seu petróleo com um prêmio de US\$ 4 em relação à cotação do Brent. Historicamente, a empresa estava mais acostumada a vender seus barris com descontos do que prêmios.

“Com a crise do coronavírus, que trouxe um impacto muito grande nos transportes, percebemos uma queda do ‘crack spread’ [preço de referência] do bunker em relação ao que estávamos realizando em dezembro, por exemplo. Chegamos a ter preços em Singapura na faixa do preço do óleo combustível. Isso nunca aconteceu na história, o bunker a quase US\$ 90 o barril. Sentimos nessa fase do coronavírus uma queda do spread, mas acreditamos que,

retomando o comércio internacional e a China passando essa fase, vamos ver uma retomada do ‘crack spread’ positiva para 2020”, comentou a diretora.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 21/02/2020

Seção: Empresas

Autor: Por Bryan Harris — Financial Times, de São Paulo

Título: Energia renovável vai entrar no radar em 2 anos

A Petrobras disse que está a pelo menos dois anos de distância de dar um impulso significativo em direção à energia renovável. A declaração coloca a estatal de petróleo do Brasil em conflito com a direção tomada por muitas outras grandes empresas do setor, num momento em que enfrentam preocupações em torno da mudança climática.

O grupo, sediado no Rio de Janeiro, disse estar em um período de “transformação” e que seu foco está, em vez disso, em se tornar mais competitivo e em gerar maior retorno para os investidores.

“A pressão que temos é [por] gerar mais resultados para os nossos acionistas”, disse a diretora financeira, Andrea Marques de Almeida. “Acho que após mais dois anos de trabalho árduo a empresa será mais competitiva e estará preparada para concluir quais serão as áreas competitivas em renováveis para a Petrobras.”

Os comentários contrastam com a retórica de muitas das concorrentes da Petrobras, especialmente na Europa, que estão investindo mais em energia renovável.

Embora os gastos ainda estejam, em grande medida, concentrados em combustíveis fósseis preexistentes, grupos como a Royal Dutch Shell e a BP estão investindo em projetos de geração eólica e de geração solar de energia elétrica, bem como em startups de baixo carbono ao se prepararem para a transição energética.

Na semana passada a inglesa BP prometeu reduzir suas emissões de gases-estufa para um total líquido zero até 2050 ou antes. Seu executivo-chefe, Bernard Looney, por exemplo, advertiu que a petrolífera terá de “se reinventar”, num momento em que o mundo migra para uma energia mais limpa.

A Petrobras, a maior empresa do Brasil, gasta US\$ 70 milhões ao ano com pesquisa e desenvolvimento voltada para energias renováveis. No entanto, analistas advertiram que sua transição lenta não apenas cria riscos ligados à

reputação como podem pôr em perigo sua competitividade futura. O grupo, em vez disso, está se concentrando na extração de petróleo do depósito do “pré-sal”, em águas ultraprofundas ao largo da costa brasileira. No ano passado, alcançou recorde de produção de 3 milhões de barris por dia.

“A Petrobras entende muito de águas profundas. É aí que estamos à vontade”, disse Andrea.

Mas ela acrescentou que a empresa está gastando US\$ 100 milhões ao ano para melhorar a captura de carbono em suas plataformas e instalações e que fixou metas para reinjetá-lo no subterrâneo a fim de mantê-lo fora da atmosfera.

“Nos últimos dez anos, conseguimos capturar 9,8 milhões de toneladas de CO₂ e reinjetá-las”, disse ela. “Temos a meta de 40 milhões de reinjeção de CO₂ até 2025.”

Por boa parte dos últimos dez anos, a Petrobras esteve no centro da Lava-Jato, o escândalo brasileiro de crescimento tentacular que envolveu grande número de políticos e empresários em um amplo esquema de concessão de contratos em troca de propina. O impacto do caso, associado à interferência opressiva do governo e à má gestão financeira, empurrou em dado momento o grupo, majoritariamente estatal, para a beira do colapso.

No entanto, desde a nomeação, no ano passado, de Roberto Castello Branco como presidente, a empresa começou a se recuperar. Na quarta-feira, a companhia informou ter contabilizado um lucro recorde de R\$ 40 bilhões (US\$ 9,1 bilhões) em 2019, em relação aos R\$ 25 bilhões do ano anterior. Sua dívida acumulada também caiu, para US\$ 87 bilhões, em relação aos US\$ 111 bilhões do ano anterior, de acordo com a diretora financeira.

A Petrobras quer reduzi-la para menos de US\$ 60 bilhões, nível que vai desencadear um aumento dos dividendos pagos aos acionistas. “Temos de nos concentrar em elevar os retornos. Temos de ficar mais competitivos.”

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 21/02/2020

Seção: Empresas

Autor:

Título: Destaques

CSN reajusta preços

A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) vai aumentar em 10,25% os preços do aço a partir de 1º de março, apurou o **Valor** com fontes próxima da empresa. O reajuste vai abranger todos os tipos de produtos fabricados pela empresa - laminados planos e longos. A empresa fabrica laminados a quente e frio, aços

galvanizados e pré-pintados, folha metálica, vergalhões e fio-máquina. Os argumentos para o reajuste são o câmbio e a alta das matérias-primas: minério de ferro e carvão metalúrgico. Além de impactar custos, a valorização do dólar frente ao real gera um prêmio negativo para o produto nacional ante o importado colocado no porto.

Minério de ferro sobe

Os preços do minério de ferro voltaram a ganhar força no mercado transoceânico e fecharam ontem com valorização importante diante do otimismo dos investidores com o corte de juros na China e promessas do governo local de manter estímulos para compensar os efeitos negativos da epidemia de coronavírus. Segundo fontes de mercado, a tonelada do minério com 62% de pureza encerrou o dia negociada a US\$ 92,01 por tonelada, com ganho de 2,23% no porto de Qingdao.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 21/02/2020

Seção: Empresas

Autor: Francisco Góes e Rafael Rosas — Do Rio

Título: Baixa contábil leva Vale ao prejuízo no 4º tri

Baixas contábeis acima do esperado para ativos de níquel e carvão e provisões relacionadas à Brumadinho levaram a Vale a registrar prejuízo de US\$ 1,56 bilhão no quarto trimestre de 2019. Na noite de ontem, a empresa confirmou uma baixa contábil, sem efeito caixa, de US\$ 4,2 bilhões no trimestre encerrado em dezembro envolvendo a produtora de níquel VNC, na Nova Caledônia, e a mina de Moatize, em Moçambique. A mineradora também anunciou provisões de US\$ 898 milhões para Brumadinho.

As provisões feitas no quarto trimestre incluem US\$ 671 milhões para o plano de descaracterização de barragens a montante, do mesmo tipo da unidade que se rompeu em janeiro de 2019, e US\$ 227 milhões para acordos vinculados à tragédia. No relatório que acompanha o balanço, a empresa disse que vem evoluindo nas compensações econômicas, incluindo indenizações trabalhistas e indenizações individuais ou coletivas, além de assistência emergencial a 106 mil pessoas. Há ainda outros 27 acordos assinados, segundo a companhia, para cobrir temas específicos como serviços públicos e infraestrutura, fornecimento de água e recuperação ambiental.

Ao todo, as provisões e despesas com Brumadinho somaram US\$ 7,4 bilhões em 2019, sendo determinantes para que, junto com as baixas contábeis, a empresa terminasse com prejuízo de US\$ 1,68 bilhão no consolidado do ano passado. O prejuízo de 2019 também foi explicado por provisões para a Fundação Renova, responsável pelas reparações do desastre de Mariana (MG), em 2015.

Operacionalmente, porém, a Vale mostrou boa performance, como projetado por bancos de investimentos. No quarto trimestre de 2019, a empresa registrou receita líquida de US\$ 9,9 bilhões, alta de 1% sobre igual período do ano passado. O lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda) foi de US\$ 3,53 bilhões entre outubro e dezembro, queda de 20% sobre igual trimestre de 2018.

Em termos anualizados, a Vale registrou receita de US\$ 37,5 bilhões em 2019, alta de 2,7% sobre 2018. O Ebitda consolidado do ano ficou em US\$ 10,5 bilhões, queda de 36,2% sobre o ano anterior. Um indicador da boa saúde financeira da companhia, apesar do prejuízo, está no fato de a Vale ter gerado US\$ 8,1 bilhões de fluxo de caixa livre no ano passado, o que permitiu a recompra de bonds e o resgate e cancelamento de ações preferenciais da empresa MBR.

No segmento de minério de ferro, principal negócio da companhia, a Vale registrou preço realizado para a commodity, no quarto trimestre de 2019, de US\$ 83,5 por tonelada, alta de 22% sobre o quarto trimestre de 2018. No ano de 2019, o preço realizado para o minério de ferro foi de US\$ 87,1 por tonelada, alta de 31,5% sobre igual período do ano anterior.

Outro indicador importante que continuou a mostrar evolução foi o endividamento. A dívida líquida da companhia situou-se em US\$ 4,8 bilhões em 31 de dezembro de 2019, praticamente a metade do exercício encerrado em dezembro de 2018. A relação entre dívida e Ebitda ficou em 0,5 vez ao fim do quarto trimestre de 2019.

Por outra parte, a companhia está com níveis baixos de investimento para os próprios padrões da mineradora. Em 2019, os investimentos totalizaram US\$ 3,7 bilhões, semelhantes aos de 2018. Em 2020, a Vale espera investir US\$ 5 bilhões, o que vai significar um aumento de 35% em relação a 2019. O crescimento será explicado por medidas da empresa para impulsionar o uso do sistema de filtragem e empilhamento a seco de minério de ferro, que ganhou prioridade depois de Brumadinho. Em mensagem aos investidores, o

presidente-executivo da Vale, Eduardo Bartolomeo, reiterou, no relatório que acompanhou o balanço contábil, que a companhia está trabalhando na redução de riscos. “Estamos construindo o caminho para tornar o nosso negócio melhor, mais seguro e mais estável”, afirmou na abertura do relatório. Afirmou ainda que a mineradora permanece “firme” em seus propósitos: reparar integralmente Brumadinho e garantir a segurança de pessoas e ativos.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 21/02/2020

Seção: Empresas

Autor: Stella Fontes — De São Paulo

Título: Ultra vê melhora no ano em dia de queda das ações

Um dos maiores grupos empresariais do país, o Ultra indicou ontem que projeta melhora para seus cinco negócios - Ipiranga, Oxiten, Ultragaz, Ultracargo e Extrafarma - em 2020, mas a mensagem não teve impacto imediato entre os investidores, que seguem reticentes. Na esteira do balanço do quarto trimestre, que incluiu baixa no ágio de aquisição da Extrafarma no valor de R\$ 593,3 milhões e números mais fracos do que o esperado na Ipiranga, as ações da Ultrapar encerraram o dia com perda de 7,33%, negociadas a R\$ 22,11, terceira maior baixa do Ibovespa.

Os resultados operacionais no quarto trimestre dividiram a opinião dos analistas. Enquanto alguns profissionais indicaram que os números vieram dentro do esperado, houve quem tenha apontado que o balanço foi fraco e que as perspectivas também não são positivas. Em comum, os analistas de UBS, Safra, BTG Pactual e Bradesco BBI destacaram que o prejuízo de R\$ 266,5 milhões não estava previsto, apesar de refletir a baixa na Extrafarma.

Em teleconferência com analistas, o presidente do Ultra, Frederico Curado, disse que 2019 foi um ano importante para o grupo, com melhoria em todos os negócios, e 2020 deve manter essa tendência. Em relação ao direcionamento estratégico, comentou que o foco em rentabilidade está mantido.

Na Ipiranga, por exemplo, o esforço segue em fortalecer a rede e recuperar margens, sem abrir mão de participação de mercado. “Isso não é simples em um mercado cada vez mais competitivo, mas já vemos resultados positivos”, disse.

Historicamente conservadora, a Ultrapar foi questionada sobre a alavancagem de 2,87 vezes em dezembro. Segundo Curado, o índice não preocupa, uma vez que a posição de caixa é confortável e a dívida, de custo baixo. E assim que os negócios do grupo estiverem estabilizados, com ênfase em Oxiten e

Extrafarma, a capacidade será de desalavancagem relativamente rápida. Nos dois últimos trimestres, a rede de varejo farmacêutico teve fluxo de caixa positivo, o que deve se manter neste ano, conforme previsão da companhia.

De acordo com o diretor financeiro e de relações com investidores, André Pires, a principal razão para que a alavancagem não seja menor é a queda do Ebitda. “Mas temos a visão que isso volta aos níveis mais próximos do histórico ao fim do ano”, afirmou.

Essa alavancagem não atrapalha eventuais planos do Ultra de disputar as refinarias colocadas à venda pela Petrobras. Conforme Curado, há oportunidades já que quatro dos negócios do grupo - Ipiranga, Oxiten, Ultraz e Ultracargo - têm sinergia estratégica “clara”. “Continuamos olhando esses ativos com bastante seriedade e interesse”, disse.

Além disso, acrescentou Pires, a consumação da potencial venda de ativos pela estatal somente deve ocorrer no segundo semestre do ano que vem, uma vez que a Petrobras terá de executar a cisão desses ativos, o que deve levar cerca de 12 meses. Em teoria, para o Ultra, seria mais interessante participar da disputa junto com um sócio estratégico, que aporte conhecimento sobre a atividade de refino.

A privatização das refinarias e de terminais de regaseificação também pode trazer ganhos para a Ultraz no médio prazo, à medida que possibilitará maior concorrência na oferta de gás no mercado doméstico, conforme Curado. Além do acesso à matéria-prima importada, pode haver redução de preços do GLP, já que hoje a Petrobras é a única fornecedora e toma como base as cotações no mercado europeu, que são superiores às do Golfo do México.

Em relação à Oxiten, Curado disse que a nova fábrica de especialidades químicas em Pasadena, nos Estados Unidos, deve alcançar o ponto de equilíbrio entre o fim deste ano e o início de 2021. “É bastante promissor o que vai acontecer por lá agora”, disse. Neste início de ano, a empresa já vê aumento nos volumes de especialidades e oportunidades de melhora de rentabilidade, com expectativa de resultados melhores em 2020 do que os vistos no ano passado.

A previsão para os resultados da empresa neste ano é de recuperação, com o maior volume produzido nos Estados Unidos e aumento da demanda por especialidades químicas no Brasil, embora as margens das commodities permaneçam pressionadas.

Na Ipiranga, a previsão é de crescimento junto com o mercado de combustíveis, que será impulsionado pela expansão da economia. A concorrência segue

acirrada e, apesar desse ambiente, e a meta é dar continuidade à recuperação de rentabilidade.

Na Ultragaz, a previsão para este ano é de crescimento do mercado em linha com o PIB e nova rodada de melhoria dos níveis de rentabilidade. Já na Ultracargo, a expectativa é de expansão acima do que foi visto em 2019, diante da adição de capacidade em Itaqui (MA) e das expansões que entraram em operação no ano passado. Por fim, para a Extrafarma, a previsão é a de que 2020 mostre melhora dos resultados trimestrais na comparação anual.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 21/02/2020

Seção: Empresas

Autor:

Título: Curtas

Enel SP tem lucro

A Enel São Paulo (ex-Eletropaulo) fechou 2019 com um lucro líquido de R\$ 777 milhões, revertendo o prejuízo de R\$ 315,2 milhões de 2018. No mesmo período, a receita líquida da distribuidora de energia elétrica subiu 1,5%, para R\$ 14,7 bilhões, enquanto o Ebitda avançou 115,1%, para R\$ 2,36 bilhões. A companhia também divulgou uma melhora dos indicadores de qualidade do fornecimento de energia. O DEC, que mede a duração de interrupções por unidade consumidora, caiu 10,4% ante 2018, para 6,44 horas. Já o FEC, que mede a frequência das interrupções, recuou 15,5%, para 3,71 vezes. Segundo a Enel, a melhora reflete o alto investimento em tecnologia de rede realizado ao longo dos anos.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 21/02/2020

Seção: Finanças

Autor: Juliana Schincariol — Do Rio

Título: Avança novo plano para sanear déficit da Petros

A expectativa da fundação é que seja implementado a partir de abril

A Petros está mais próxima de aprovar o novo plano de equacionamento do déficit de quase R\$ 40 bilhões com redução de benefícios e extensão do prazo de pagamento das contribuições extraordinárias. O conselho deliberativo

aprovou as medidas em reunião nesta quinta. Agora, o assunto deve ser analisado pela Petrobras, patrocinadora do fundo de pensão, pela Secretaria de Coordenação e Governança das Empresas Estatais (Sest) e Superintendência Nacional de Previdência Complementar (Previc). A expectativa da fundação é que seja implementado a partir de abril.

A Petros assinará documento com as entidades de participantes envolvidas na negociação do novo plano, como a Federação Única dos Petroleiros (FUP) e Federação Nacional dos Petroleiros (FNP). Esse termo relata tratativas para construção do novo plano e inclui compromisso dos sindicatos de não processarem a fundação por causa das contribuições adicionais por meio de ações coletivas.

No momento, os associados da fundação fazem contribuições adicionais para sanear o déficit de R\$ 28,5 bilhões até 2015, em um prazo de 18 anos. Mas era necessário aprovar um novo plano para contabilizar as perdas de R\$ 8,4 bilhões em 2018, elevando o resultado negativo para R\$ 37 bilhões. Agora, o equacionamento anterior deixa de existir e novo plano com a reduções de benefícios será incorporado.

Conforme o **Valor** noticiou em outubro, o presidente da Petros, Bruno Dias, apresentou nova proposta para o plano de equacionamento. A proposta inclui a redução de benefícios futuros, como pecúlio e 13º salário. No caso deste último, por exemplo, será instituída uma contribuição de 30%. As mudanças também incluem a utilização da resolução 30 do Conselho Nacional de Previdência Complementar (CNPC). O CNPC-30 permite a extensão do prazo das contribuições extraordinárias em até 1,5 vez o “duration” (prazo médio de benefícios) para o pagamento por toda a vida do plano - até o último participante ou seu pensionista ou dependente. Na prática, o valor a ser pago ao mês no equacionamento é reduzido.

Com o plano de equacionamento em curso, as contribuições dos participantes podem chegar a 40% - considerando os valores ordinários e extraordinários. Agora, serão de até 28%. A proposta prevê uma alíquota única de contribuição extraordinária. O plano atual utiliza uma tabela progressiva, que impõe descontos mais altos para rendas maiores.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Data: 21/02/2020****Seção: Editorial****Autor:****Título: Na produção, outro recorde da Petrobrás**

O lucro líquido de R\$ 40,1 bilhões, o maior de sua história, é um dos números mais exuberantes dos resultados da Petrobrás em 2019. Esse ganho recorde foi, em boa medida, favorecido pela política da empresa de se desfazer de ativos que não compõem sua atividade principal. Em 2019, a Petrobrás vendeu o controle de subsidiárias como a BR Distribuidora, a rede de gasodutos TAG e da distribuidora de gás de cozinha Liquigás. Com esses negócios, a empresa obteve receita de US\$ 16,3 bilhões (o equivalente a R\$ 71 bilhões) no ano passado. Além disso, desde 2016, no governo de Michel Temer, a Petrobrás vem passando por um processo de transformação cujo objetivo é aumentar sua eficiência, sua produtividade e sua produção, ao mesmo tempo que reduz sua dívida. E vem colhendo resultados desses ajustes.

Embora ainda existam sinais de alguma dificuldade no processo de ajuste da empresa, há, além do lucro recorde, outros dados auspiciosos nos resultados apresentados aos investidores na quarta-feira passada. Um dos mais expressivos é o que se refere à produção de óleo e gás e, especialmente, às fontes desses produtos. No último trimestre de 2019, a produção diária média de óleo e gás da Petrobrás foi de 3,03 milhões de barris de óleo equivalente. É um dado notável não apenas porque supera os 3 milhões de barris/dia, mas porque representa aumento de 5% sobre a produção do trimestre anterior e de 14% sobre a de um ano antes. Não parece ser um resultado esporádico. A produção do início de 2020 mantém-se no nível do final do ano passado, segundo o diretor de Exploração e Produção da empresa, Carlos Alberto Oliveira. O resultado vem sendo assegurado pelo aumento expressivo da produção do petróleo do pré-sal.

Na média dos últimos três meses de 2019, o pré-sal respondeu por 64% da produção brasileira de óleo; um ano antes, pouco mais de metade (51%) da produção vinha do pré-sal. Outro dado destacado pela empresa é a produção do campo de Búzios, considerado a grande promessa das reservas brasileiras. Em 2018, Búzios respondeu por 1,2% do óleo do pré-sal; em 2019, por 20%. A empresa ainda enfrenta problemas. Sua dívida aumentou no ano passado, o que torna mais difícil alcançar as metas de endividamento fixadas para 2020. E sua receita caiu, por causa do desaquecimento da economia.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Data: 21/02/2020****Seção: Economia****Autor:****Título: Petroleiros suspendem greve para negociar com Petrobrás demissão de centenas**

Os petroleiros começaram a retornar ao trabalho ontem, após 20 dias de paralisação na Petrobrás. A interrupção da greve, no entanto, é temporária. Se não conseguir chegar a um acordo com a direção da empresa sobre a demissão de centenas de trabalhadores da Araucária Nitrogenados (Ansa), no Paraná, a Federação Única dos Petroleiros (FUP) vai retomar o movimento. Os dois lados vão retomar hoje as conversas no gabinete de Gandra, em Brasília. O presidente da estatal, Roberto Castello, já antecipou que não vai voltar atrás e que vai manter os desligamentos. “A decisão está fechada”, disse o executivo em coletiva para detalhar o resultado financeiro de 2019.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Data: 21/02/2020****Seção: Economia****Autor: Cleide Silva****Título: Montadoras investem em postos de recarga para fomentar híbridos**

Objetivo é acelerar interesse de brasileiros por esses carros; para analista, consolidação do segmento vai demorar

A venda em massa de carros elétricos e híbridos no Brasil ainda é uma realidade distante, mas vem crescendo o número de empresas com projetos de instalação de postos de recarga, na tentativa de acelerar o interesse do consumidor por esses veículos, que ganham cada vez mais participação em mercados como Europa, China e EUA. Ontem, a Audi, empresa do grupo Volkswagen, anunciou investimentos de R\$ 10 milhões para a instalação de 200 postos de recarga elétrica nos próximos dois anos. Em parceria com a empresa de energia Engie, os postos serão instalados em cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Minas Gerais.

A Audi iniciará em abril as vendas do seu primeiro SUV elétrico no País, o e-tron, que custará R\$ 460 mil. A marca se une assim a empresas como BMW, Volvo e à própria parceria em que participa com Volkswagen e Porsche na instalação de pelo menos outros 680 pontos de abastecimento, vários deles com tecnologias de recarga rápida (em menos de uma hora). Ontem, o chefe global de operações da Volkswagen, Ralf Brandstätter (que estava em visita ao Brasil),

confirmou que a empresa fará seis lançamentos locais de modelos híbridos e elétricos nos próximos cinco anos. A empresa já tem um modelo híbrido à venda desde o fim de 2019, o Golf GTE.

“No momento não temos planos de produção local, pois o mercado ainda não está maduro para isso, mas vamos avaliar futuramente.” Ele ressaltou que a Volkswagen tem feito elevados investimentos na eletrificação dos veículos e em infraestrutura. A marca terá 22 modelos com essas tecnologias nos próximos anos e é dessa leva de produtos que serão escolhidos os que virão para o Brasil.

O grupo também atua fortemente no desenvolvimento de softwares para que os carros da marca possam receber todas as novas tecnologias. “Já temos, por exemplo, 5 mil engenheiros da área de TI e vamos incorporar mais 10 mil o mais rápido possível.” Isolado. O líder global da área automotiva da consultoria PwC, Felix Kuhnert, acredita que deve demorar para que veículos elétricos e híbridos ganhem espaço significativo no mercado brasileiro, principalmente em razão do elevado custo dos produtos e da própria infraestrutura. Além disso, o País tem o etanol, que pode, por algum tempo, atender as normas mais restritas de emissões.

“O Brasil, contudo, não poderá ficar à parte do mercado de elétricos, ou ficará isolado do resto do mundo, em especial dos países mais desenvolvidos”, afirmou ao Estado Kuhnert, que também está em viagem pelo Brasil. Ele lembrou que, na Europa, as montadoras que não atenderem as metas de emissões de CO2 previstas para este ano passarão a ser multadas já a partir de 2021. Para atingir essas metas, as empresas terão de reduzir em média em 20% os níveis de emissões dos automóveis atuais. “Muitas empresas estão investindo altos volumes de dinheiro em veículos elétricos, mas a grande dúvida é se os consumidores vão comprá-los”, disse o executivo, pois esses modelos são mais caros do que os convencionais, a combustão.

Ele prevê que, além dos incentivos governamentais em alguns países, as próprias fabricantes terão de dar benefícios para atrair clientela, mas, o problema, ressaltou, “é que o consumidor pode se acostumar e depois não será fácil suspender os descontos”. Hoje, disse ele, várias empresas tentam calcular se, inicialmente, vai valer mais a pena conceder incentivos ou pagar a multa por não cumprir a meta de vendas de carros mais limpos.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 21/02/2020

Seção: Economia

Autor: Mariana Durão / RIO Fernanda Guimarães

Título: No ano da tragédia de Brumadinho, Vale tem prejuízo de US\$ 1,7 bilhão

No vermelho. Gastos com a contenção dos efeitos ambientais e humanos da tragédia, que deixou 270 mortos, prejudicaram o resultado da companhia; com paralisações de minas, gigante brasileira também perdeu o posto de maior produtora de minério de ferro do mundo

No ano marcado pela tragédia em sua barragem em Brumadinho (MG), que deixou 270 mortos na cidade de Minas Gerais e um rastro de destruição ambiental, a mineradora brasileira Vale voltou para o vermelho com prejuízo de US\$ 1,68 bilhão em 2019, revertendo lucro de US\$ 6,86 bilhões de 2018. Como parte da produção no País teve de ficar paralisada na esteira de Brumadinho, a companhia perdeu o posto de maior produtora de minério de ferro para a rival Rio Tinto após ver sua produção encolher em 21,5% em 2019. No quarto trimestre do ano passado, o prejuízo da mineradora foi de US\$ 1,56 bilhão, ante lucro de US\$ 3,79 bilhões em igual período de 2018.

Apesar de os efeitos de Brumadinho no balanço da mineradora já serem esperados, o resultado veio abaixo das projeções. A mineradora afirmou que o balanço anual negativo se deveu principalmente a despesas relativas à ruptura da barragem de Brumadinho, além de baixas com ativos de metais básicos e carvão. Os gastos incluíram o fechamento de barragens e acordos de reparação às centenas de vítimas, que resultaram em custos de US\$ 7,4 bilhões. A tragédia ambiental, que ocorreu apesar de a companhia ter afirmado anteriormente que considerava a barragem de Brumadinho segura, resultou na saída de vários executivos da empresa, inclusive o presidente Fabio Schvartsman, que foi substituído por Eduardo Bartolomeo.

A Justiça de Minas Gerais acatou, na última sexta-feira, a denúncia do Ministério Público contra 11 executivos da Vale, inclusive Schvartsman, e cinco funcionários da empresa de consultoria Tüv Süd por homicídio doloso duplamente qualificado e crimes ambientais causados pelo rompimento da barragem da companhia em Brumadinho, em 25 de janeiro de 2019.

Passado um ano da tragédia, a Vale ainda tem o desafio de recuperar sua produção. Após Brumadinho, a Vale teve uma série de operações paralisadas por ordens da Justiça ou da Agência Nacional de Mineração (ANM). Na semana passada, a companhia reforçou a estimativa de produção entre 340 milhões de toneladas e 355 milhões de toneladas para 2020. Para retomar cerca de 40 milhões de toneladas – 15 milhões em 2020 e 25 milhões em 2021 – de produção de minério nas operações de Timbopeba, Fábrica e Complexo Vargem Grande, a Vale precisa do aval das autoridades. A expectativa é receber o sinal verde para Timbopeba ainda no primeiro trimestre.

Para o analista Pedro Galdi, da Mirae Asset, o resultado frustra os investidores, mas a Vale segue com boa estrutura de capital, dívida líquida menor – de US\$

4,9 bilhões, queda de 50% em um ano – e geração de caixa equilibrada. “Nossa visão segue positiva para 2020 (...). A retomada de dividendos (aos acionistas) deve entrar no radar agora”, disse Galdi. O balanço da Vale foi afetado também por baixas contábeis de US\$ 4,2 bilhões referentes à produção de carvão e às operações de níquel na Nova Caledônia.

O montante é bem superior à perda de US\$ 1 bilhão originalmente projetada pela empresa. Investimentos. O comunicado divulgado ontem pela gigante brasileira mostra ainda que em 2019 a Vale investiu US\$ 3,7 bilhões, um recuo de 2,1% em relação ao ano anterior. O montante ficou abaixo do programado pela companhia no fim de 2018 (US\$ 4,4 bilhões).

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 21/02/2020

Seção: Metrópole

Autor: Renato Carvalho

Título: Vale sabia dos riscos de Brumadinho

Comitê independente contratado pela mineradora conclui que empresa conhecia fragilidades desde 2003; rompimento foi por liquefação

No mesmo dia em que divulgou seus resultados de 2019, a Vale divulgou ontem o relatório do Comitê Independente de Assessoramento Extraordinário contratado para investigar o rompimento da barragem B1, em Brumadinho (MG), que deixou 270 desaparecidos e mortos. Segundo essa apuração, pelo menos desde 2003 a Vale tinha informações que indicavam as condições frágeis da barragem, além de informações anteriores à aquisição da Ferteco, que operava a mina.

Segundo o comitê, liderado pela ex-ministra do Supremo Tribunal Federal (STF) Ellen Gracie, em 2016 e 2017 foram realizados estudos que indicavam que a barragem estava em situação de fragilidade, “mas a área geotécnica da Vale ofereceu resistência quanto à aceitação dos resultados obtidos em 2017”, diz o documento. A investigação concluiu que o rompimento ocorreu por instabilidade estrutural com liquefação, causada por drenagem interna inadequada com elevado nível freático no reservatório. Assim houve deformação lenta dos rejeitos e a estrutura da barragem não havia sido projetada para conter material liquefeito.

O grupo afirma que as medidas adotadas para diminuir as fragilidades e aumentar a segurança da barragem foram “limitadas e malsucedidas”, e mesmo que houvesse um descomissionamento com remineração dos rejeitos a medida não seria eficiente a curto prazo para melhorar a estabilidade da B1. Outro

ponto levantado pelo documento diz respeito ao conhecimento do fato de que a Vale tinha capacidade limitada de resposta em caso de rompimento, e os impactos seriam significativos, principalmente sobre as instalações administrativas, com tempo de reação mínimo. “Em que pese o conhecimento das fragilidades da B1 e do impacto de seu eventual rompimento, não foram identificadas evidências de estudos e/ou medidas visando à remoção das instalações administrativas a jusante da B1”, diz o documento.

O relatório diz também que não foram identificadas evidências de discussões sobre a paralisação da B1 ou seus problemas de segurança no conselho de administração, comitês de assessoramento ou diretoria. As apresentações davam ênfase à segurança das barragens para obtenção das Declarações de Controle de Estabilidade. Por fim, o comitê fez uma lista de 25 recomendações a serem tomadas pela Vale para aumentar a segurança das barragens e melhorar a governança corporativa. A Vale diz que a maioria das recomendações diz respeito a temas que já são tratados pela companhia e em até 30 dias será divulgado um cronograma de implementação dessas ações.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 21/02/2020

Seção: Mercado

Autor:

Título: Após 20 dias, petroleiros suspendem greve na Petrobras

Rio de Janeiro- Em assembleias realizadas nesta quinta (20), os petroleiros grevistas confirmaram a suspensão da paralisação iniciada no dia 1º de fevereiro em protesto contra demissões no Paraná. Assim, voltarão ao trabalho normalmente nesta sexta (21).

A interrupção da greve foi proposta aos sindicatos pela FUP (Federação Única dos Petroleiros), depois que o TRT (Tribunal Regional do Trabalho) do Paraná suspendeu demissões na fábrica de fertilizantes Araucária Nitrogenados.

Nesta sexta (21), sindicatos e a Petrobras participam de reunião de mediação no TST (Tribunal Superior do Trabalho). A categoria ameaça retomar o movimento caso não veja avanços nas negociações.

A greve completou 20 dias nesta quinta, tornando-se a maior paralisação da categoria desde a greve de 32 dias em 1995.

A Petrobras decidiu fechar a fábrica, alegando prejuízos acumulados de mais de R\$ 2 bilhões. A empresa diz que as demissões não serão revertidas e que a fábrica será fechada.

“Não é justo que a Petrobras carregue esse prejuízo para sempre”, defendeu o presidente da companhia, Roberto Castello Branco, em entrevista nesta quinta para comentar o lucro recorde de R\$ 40,1 bilhões obtido pela estatal em 2019.

Segundo a companhia, as negociações com sindicatos na justiça se restringirão ao pacto de benefícios oferecido aos demitidos. Castello Branco disse que a oferta atual já é “mais do que competitiva, é generosa”.

Ele lembrou que a Petrobras chegou a negociar a fábrica com a russa Akron, que desistiu por não ver sentido econômico na operação. Por isso, a fábrica será hibernada — com operações paradas, mas manutenção dos equipamentos.

Durante a paralisação, a empresa usou equipes de contingência e contratou temporários para manter as operações.

Os petroleiros criticaram o balanço da empresa, dizendo que foi obtido com a venda de “subsidiárias estratégicas” — o resultado sofreu forte impacto da venda da empresa de gasodutos TAG e de ações da BR Distribuidora.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 21/02/2020

Seção: Mercado

Autor: Nicola Pamplona

Título: Menos poluente, petróleo do pré-sal chega a ser vendido mais caro que Brent

Novas regras para reduzir emissões no transporte marítimo valorizam matéria-prima brasileira

Rio de Janeiro- Novas regras para reduzir as emissões de enxofre no transporte marítimo vêm impulsionando o valor do petróleo brasileiro no mercado internacional, que já é vendido praticamente sem desconto em relação ao Brent, referência mundial.

A valorização do petróleo do pré-sal é apontada pela Petrobras como um dos fatores que contribuíram para o lucro recorde de R\$ 40,1 bilhões em 2019. O resultado teve forte impacto também da venda de ativos, como gasodutos e ações da BR Distribuidora.

O óleo do pré-sal tem baixo teor de enxofre, o que o torna adequado para produzir combustível de navegação dentro das novas especificações contra a poluição da IMO (sigla em inglês para Organização Marítima Internacional).

As novas restrições entraram em vigor este ano, mas desde a Petrobras já vem sentido os efeitos desde o quarto trimestre, quando vendeu sua produção, em média a US\$ 63 por barril, só US\$ 0,25 abaixo da cotação média do Brent.

No primeiro trimestre, a diferença era de US\$ 4,15 por barril. Durante os últimos meses de 2019, a Petrobras chegou a vender cargas do petróleo de Lula, o maior campo do pré-sal, com prêmio de US\$ 4 acima do Brent.

“A comercialização do petróleo do pré-sal tem sido beneficiada pela demanda por petróleo de baixo teor de enxofre”, disse a diretora de Refino e Gás da estatal, Anelise Lara, em entrevista para comentar o balanço nesta quinta.

O campo de Lula é responsável hoje por um terço da produção nacional. Com o crescimento dos volumes produzidos, a Petrobras ampliou em 25% suas exportações de petróleo em 2019, para 536 mil barris por dia. A China ficou com 71% desse volume.

Em setembro, a consultoria Argus lançou um indicador de cotações para o petróleo Lula, com base nos contratos de entrega no porto de Shandong, por onde entra cerca de um terço das importações chinesas de petróleo.

Na brochura de lançamento do produto, a Argus via o petróleo Lula com prêmio superior a US\$ 4 por barril em junho de 2018. O cálculo de prêmio da Petrobras, porém, considera também o custo do frete, que esteve em torno de US\$ 3 por barril em 2019.

A Petrobras diz que os riscos de contaminação da economia mundial pelo coronavírus reduziram os preços dos combustíveis marítimos e, consequentemente, a demanda pelo petróleo com menos enxofre.

Mas a empresa tem também produzido mais combustível marítimo no Brasil. Em 2019, disse Lara, chegou a “degradar” óleo diesel, um produto mais nobre, porque os preços do combustível de navegação estavam melhores.

Comisso, ampliou o nível de utilização de suas refinarias de 76%, na média de 2019, para 80% em janeiro. Nesta quinta (20), ela defendeu a política de manter altos níveis de ociosidade nas refinarias.

A estratégia é criticada por sindicatos ligados à empresa. Segundo eles, a Petrobras abre espaço para importações de produtos refinados para exportar petróleo cru. Em 2019, produtos importados abasteceram 17% do mercado de gasolina e 25% do de diesel.

A diretora da Petrobras diz que a operação do parque de refino é definida com base nas condições de demanda e na cesta de produtos que as refinarias da empresa conseguem produzir.

“Não adianta ter fator de utilização de 95% e produzir derivados que são mais baratos do que o petróleo cru”, afirmou. A capacidade, porém, foi ampliada no quarto trimestre para atender à maior demanda do transporte marítimo.

O presidente da Petrobras, Roberto Castello Branco, argumentou que o ano de maior utilização de refinarias no Brasil, 2013, foi também o ano de maior prejuízo da área de refino da estatal.

“A empresa jogou fora US\$ 40 bilhões e teve que aumentar seu endividamento”, disse. “Em vez de dar remuneração ao acionista, e o maior acionista é o estado brasileiro, ficou dando dinheiro a banqueiro.”

O lucro recorde, com redução do endividamento foi bem recebido pelo mercado financeiro. “Foi um ano robusto, com números fortes na área de exploração e produção”, disse o analista do BB Investimentos Daniel Cobucci.

Sindicatos dos empregados da companhia, por outro lado, criticaram o resultado, por ter sido impulsionado pela venda de ativos da estatal.

Ligado à FUP, o Ineep (Instituto de Estudos Estratégicos de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis Zé Eduardo Dutra) criticou a estratégia de concentrar esforços na exploração e produção e reduzir presença no refino e distribuição. “Esse movimento corre um risco mais grave de tornar as receitas mais suscetíveis às oscilações internacionais do petróleo”, disse o coordenador do Ineep, Rodrigo Leão.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 21/02/2020

Seção: Colunas

Autor: Joana Cunha

Título: Tomada

Painel S.A

O setor elétrico se frustrou com a postergação de um julgamento no STJ em que a associação dos produtores de energia discute pagamentos bilionários relativos ao risco hidrológico —valor que hidrelétricas pagam quando a geração fica abaixo do piso. Ainda não há nova data.

com Filipe Oliveira e Mariana Grazini

VEÍCULO: Folha de S. Paulo**Data: 21/02/2020****Seção: Mercado****Autor: Nicola Pamplona****Título: Vale tem perda de R\$ 6,7 bi no ano da tragédia de Brumadinho**

Resultado reflete provisões e gastos com acidente que deixou 270 mortos em MG

Rio de Janeiro - A Vale fechou 2019 com prejuízo de R\$ 6,7 bilhões, provocado principalmente por gastos e provisões para indenizações e remediação de danos da tragédia de Brumadinho (MG), que deixou 270 mortos em janeiro daquele ano. Foi o segundo prejuízo da mineradora em um período de vinte anos.

Em 2018, a Vale havia registrado lucro de R\$ 25,6 bilhões.

Provisões e despesas relacionadas ao desastre, que devem custar à empresa R\$ 28,8 bilhões, sendo R\$ 18,5 bilhões para remediação e R\$ 10,3 bilhões para descaracterizar barragens semelhantes à que se rompeu.

O rompimento de barragem de rejeitos da mina Córrego do Feijão ocorreu no dia 25 de janeiro de 2019. Um ano depois, o Ministério Público de Minas Gerais denunciou 16 pessoas por homicídio doloso —entre elas o ex-presidente da Vale Fabio Schvartsman.

A companhia abre o balanço divulgado nesta quinta (20) dizendo que “reafirma seu respeito pelas vítimas e suas famílias e agradece às autoridades envolvidas nas medidas de busca e salvamento”.

Depois, lista medidas já adotadas para remediar a situação, como acordos de indenizações trabalhistas para empregados que perderam as vidas —R\$ 14 bilhão já foram pagos a famílias de 244 das 250 vítimas que trabalhavam na Vale.

“A Vale permanece firme em seus propósitos: reparar integralmente Brumadinho e garantir a segurança das nossas pessoas e ativos”, escreve, em carta publicada no balanço, o presidente da companhia, Eduardo Bartolomeo. Segundo ele, o resultado de 2019 “evidenciou a resiliência e a capacidade de resposta da Vale”.

Beneficiada pelo aumento dos preços do minério, a companhia teve aumento de receita, mesmo com corte de 21,5% em sua produção da commodity. A receita em 2019 foi de R\$ 148,6 bilhões, 10% acima do registrado em 2018.

Segundo a Vale, o preço médio de referência do minério de ferro ficou 34% acima do de 2018 devido a disrupções de oferta provocadas por Brumadinho e por um ciclone na Austrália.

O aumento nas cotações representou ganho de R\$ 23,6 bilhões na receita, compensando a perda de R\$ 19,6 bilhões com as vendas menores.

A queda na produção foi provocada, principalmente, pela suspensão das operações nas minas Vargem Grande, Fábrica, Brucutu, Timbopeba e Alegria (MG), devido ao aumento das restrições operacionais após o desastre.

A produção de pelotas — minério processado para uso em siderúrgicas — da companhia caiu 24,4% no ano, para 41,8 milhão de toneladas. As operações estão interrompidas em minas com capacidade de produção de 40 milhões de toneladas por ano.

No quarto trimestre de 2019, a Vale fez provisões adicionais para a descaracterização de barragens. Parte do valor refere-se à inclusão de cinco novas estruturas no programa original.

A descaracterização consiste na retirada dos rejeitos e na recuperação da área, para que seja novamente integrada à natureza. O primeiro processo desse tipo foi concluído em dezembro, na barragem 8B, em Nova Lima (MG).

Com as provisões, o resultado do quarto trimestre foi um prejuízo de R\$ 6,4 bilhões, praticamente anulando o lucro de R\$ 6,5 bilhões registrado no trimestre anterior. No quarto trimestre de 2018, a Vale teve lucro de R\$ 14,5 bilhões.

Os dados do quarto trimestre, porém, reforçam sinais de recuperação. As receitas cresceram 9,5% em relação ao mesmo período do ano anterior, para R\$ 41 bilhões.

VEÍCULO: O Globo

Data: 21/02/2020

Seção: Editorial

Autor:

Título: Petroleiros se opõem à reforma da Petrobras

Greve contra fechamento de fábrica deficitária sinaliza resistência ao plano de modernização da estatal

Pela visão sindicalista da Petrobras, a estatal é um “bem do povo”, intocável. Este é o dogma que sustenta a decretação de greve, pela Federação Única dos

Petroleiros (FUP), contra o fechamento de uma deficitária fábrica de fertilizantes no Paraná.

Até a década de 70, não era possível sequer associação com petroleiras privadas internacionais para explorar a Bacia de Campos, àquela altura uma área geológica promissora. Não havia dinheiro para explorá-la.

Por ironia da história, o general Ernesto Geisel, ex-presidente da Petrobras, nacionalista, viu-se obrigado, na Presidência da República, a aprovar a assinatura de “contratos de risco” com grupos privados. A estatal não conseguiria sozinha avançar naquela região, entendera Geisel. Era o certo, e a Bacia de Campos começou a reduzir a grande dependência que o país tinha do petróleo importado.

A questão da fábrica de fertilizantes do Paraná parece diferente, mas tem a mesma razão de fundo: a corporação sindical petroleira se considera dona da estatal e tem apenas compromisso com empregos e salários, mesmo que a empresa seja deficitária. Pode ser compreensível, mas empregos e salários desaparecerão cedo ou tarde, pela inviabilização da empresa.

No caso do Paraná, a debacle já aconteceu: a fábrica de fertilizantes, a Fafen, já paralisada, acumula R\$ 2 bilhões de prejuízos, desde que foi comprada da Vale em 2013. Empregava 396 funcionários.

Assim como foi imperioso abrir a exploração de petróleo a empresas de fora, é essencial rever o posicionamento estratégico da Petrobras, o que está sendo feito. A greve indica que pode haver resistências semelhantes à venda anunciada de refinarias, um setor no qual a estatal se manterá, porém com um número menor de unidades.

A empresa, com US\$ 87 bilhões de dívidas, ainda é uma das petroleiras com o maior passivo financeiro do mundo. Precisa reduzi-lo e, ao vender refinarias, ainda ajudará a quebrar oligopólios existentes no mercado de derivados, que impedem que a queda de preços no refino chegue aos postos de abastecimento. A privatização da BR Distribuidora está dentro deste contexto.

O acúmulo de derrotas do lulopetismo — impeachment de Dilma, prisão de Lula — acabou com a esquerda, mais ainda com a vitória de Jair Bolsonaro, de extrema direita. A reação ao necessário fechamento da fábrica de fertilizantes sinaliza que o movimento sindical próximo ao PT aproveita para tentar se reerguer.

A Justiça do Trabalho exerce sua função de mediadora. A greve foi suspensa ontem para novas negociações. Porém, deve-se entender que o que está em jogo não são 396 empregos, mas a necessidade de a estatal garantir sua

sobrevivência a longo prazo, o que passa pela exploração do pré-sal antes que o consumo de combustíveis fósseis comece a cair. Não faz sentido manter negócios inviáveis. O tempo corre. Ou um custo crescente será cobrado da sociedade.

VEÍCULO: O Globo

Data: 21/02/2020

Seção: Economia

Autor: BRUNO ROSA E RAMONA ORDONEZ

Título: Após 20 dias, petroleiros aprovam suspensão de greve

Trégua viabiliza nova conciliação entre sindicatos e Petrobras no TST. Para Castello Branco, coronavírus terá impacto no balanço

Em assembleias realizadas ontem, funcionários da Petrobras aprovaram o indicativo da Federação Única dos Petroleiros (FUP) de suspender, temporariamente, a greve iniciada em 1º de fevereiro. A trégua foi uma condição do ministro do Tribunal Superior do Trabalho (TST), Ives Gandra, para a participação dos sindicatos em uma reunião de conciliação com a Petrobras prevista para hoje, em Brasília.

Cinco integrantes da Comissão de Negociação da FUP que estavam ocupando parte do 4º andar da sede da Petrobras, no Centro do Rio, desde o dia 31 de janeiro deixaram o local na tarde de ontem. A suspensão da greve também é uma contrapartida exigida pela decisão do Tribunal Regional do Trabalho (TRT) do Paraná que suspendeu temporariamente, na terça-feira, as demissões na fábrica de fertilizantes Ansa, no Paraná, estopim da greve. A estatal já indicou que não pretende desistir de fechar a unidade, que acumula prejuízos, e demitir os 396 funcionários.

PLANO DE CONTINGÊNCIA

Um dia depois da divulgação do lucro recorde de R\$ 40,1 bilhões em 2019, o maior da história da Petrobras, o presidente da estatal, Roberto Castello Branco afirmou ontem que, com o plano de contingência acionado desde o primeiro dia da paralisação, não houve impacto na produção de petróleo e de combustíveis.

— Estamos preparados para enfrentar longa greve. Liguei para um aposentado da Petrobras, que foi assediado em seu prédio por simplesmente ter decidido voltar à ativa e trabalhar. Ele foi vítima de um ataque covarde de radicais. Louvei a atitude dele e mostrei meu repúdio — disse.

— Nossos planos de contingência se mostraram bem-sucedidos.

Mantivemos produção, transporte, logística e refino. E o mercado abastecido.

Na mesma entrevista coletiva, o diretor de Relações Institucionais da Petrobras, Roberto Ardenghy, disse que a empresa está coletando informações para saber se todos os empregados voltaram ao trabalho. Ele disse ter expectativa positiva em relação à conciliação. A FUP acusa a Petrobras de descumprir acordo coletivo ao anunciar a demissão conjunta sem negociação prévia com a categoria.

Castello Branco disse que a greve não deve afetar as finanças da Petrobras, mas reconheceu que a queda do preço do petróleo em meio à epidemia de coronavírus na China vai aparecer no balanço da companhia no primeiro trimestre. Ele afirmou que busca diversificar mercados no exterior para compensar a redução da demanda da China.

— Janeiro foi mês recorde de exportações. Até agora, em fevereiro, está indo bem. O coronavírus não teve efeito na quantidade, mas no preço (do barril). E isso vai se refletir no balanço do primeiro trimestre — disse Castello Branco, prevendo melhora no cenário a partir do segundo trimestre.

As ações da Petrobras fecharam em queda de 2,73% nos papéis ordinários e de 2,19% nos preferenciais.

Castello Branco afirmou que vai continuar a venda de negócios da Petrobras, um dos fatores responsáveis pelo lucro recorde em 2019, para reduzir o endividamento da empresa, ainda muito alto. Pretende finalizar o acordo de compra e venda das oito refinarias à venda até o fim do ano e concluir o processo em 2021.

O executivo repetiu que a Petrobras espera vender sua participação na petroquímica Braskem, na qual é sócia da Odebrecht, este ano. Ele defende a reestruturação das ações para que a estatal possa vender sua fatia na Bolsa, em uma operação semelhante à que resultou na privatização da BR Distribuidora, em 2019.

VEÍCULO: O Globo

Data: 21/02/2020

Seção: Rio

Autor: LUIZ ERNESTO MAGALHÃES, BERENICE SEARA E MAIÁ MENEZES

Título: Alerj suspende decreto que daria isenção fiscal a usinas termelétricas

Durou pouco a proposta do estado de zerar a alíquota de 12% de ICMS cobrada de usinas de geração de energia termelétrica a gás. Primeiro, o Palácio Guanabara recebeu uma advertência do Conselho de Supervisão do Regime de

Recuperação Fiscal, órgão ligado ao Ministério da Economia, que identificou uma “flagrante violação” às regras do acordo com a União. Ontem, a Assembleia Legislativa (Alerj) suspendeu o ato assinado pelo governador Wilson Witzel. Por 42 votos a cinco, foi aprovado um decreto legislativo para revogar a decisão do Executivo, que pretendia abrir mão de R\$ 600 milhões por ano em impostos. Os deputados entenderam que Witzel não poderia ter concedido o incentivo por decreto, já que novos benefícios só podem ser aprovados por lei. Mas o plano de incentivo fiscal não foi sepultado de vez.

O presidente da Alerj, André Ceciliano (PT), que votou a favor do decreto legislativo, anunciou que vai apresentar um projeto para atender ao mesmo setor. Segundo ele, serão feitas audiências públicas para discutir se os descontos concedidos darão retorno ao estado. — Além de o decreto do Executivo ser irregular, concedia benefícios de forma indiscriminada. Não valia apenas para novos investimentos, mas para empresas já instaladas — argumentou Ceciliano. Procurado, Witzel não se manifestou após a votação. Pela manhã, o governador disse que a reação do Conselho de Supervisão pode ter um “viés político, para atingir a economia do Rio e o governador”: — O presidente da República é movido por um sentimento que não é técnico e pode simplesmente querer excluir o Rio do Regime de Recuperação Fiscal.

O governador anunciou ainda que vai apresentar um parecer técnico e financeiro para mostrar que o decreto que concede incentivos a usinas termelétricas está “absolutamente dentro da lei” e que foi editado para fazer do Rio um estado competitivo. Nos bastidores da Alerj, comenta-se que Witzel acreditava numa vitória e que, por isso, não suspendeu o próprio decreto pela manhã. Parlamentares também comentaram que 21 deputados teriam optado por faltar à sessão de ontem para não desagradar o governador. Dois estavam de licença. No plenário, o líder do governo, Márcio Pacheco (PSC), ainda tentou convencer os colegas, afirmando que o decreto do Executivo poderia atrair pelo menos cinco empresas para o estado e gerar 20 mil empregos.

PROBLEMA DE ANOS

Para o economista André Luiz Marques, da área de Gestão e Políticas Públicas do Insper, não há dúvidas de que qualquer iniciativa de conceder novos incentivos fere o Regime de Recuperação Fiscal, que prevê, entre outras medidas, redução progressiva das isenções fiscais: — O grande problema é que, ao longo dos anos, muitos setores foram beneficiados, mas os retornos prometidos na geração de empregos e em receitas não vieram. Para o deputado federal Pedro Paulo (DEM), relator do Plano Mansueto — projeto em discussão na Câmara que autoriza estados e municípios a contraírem novas dívidas com a garantia da União, em troca de medidas de ajuste fiscal —, iniciativas como a do governo do Rio não ajudam na tramitação da proposta.

Entre as emendas, está a inclusão de estados em grande dificuldade financeira nesse pacote: — Outra medida prevê adiar o pagamento de dívidas por até dez anos. Pelas regras que o Rio segue hoje no Regime de Recuperação Fiscal, esse prazo é de, no máximo, seis anos. Mas o objetivo do plano é ajudar na gestão dos estados. Iniciativas para aumentar gastos não ajudam — disse Pedro Paulo. Ex-diretor da Agência Nacional de Petróleo, Adriano Pires Gonçalves disse que o Rio tem o maior mercado produtor de energia termelétricas a gás do país: — O Rio ter a maior fatia do mercado é uma questão. A outra é a concessão de incentivos. Não dá para afirmar que, se o decreto for mantido, virão mais empresas. Além disso, se você beneficia um setor, outro sempre vai pagar essa conta.

VEÍCULO: O Globo

Data: 21/02/2020

Seção: Economia

Autor: BRUNO ROSA E RAMONA ORDONEZ

Título: Com Brumadinho, Vale perde R\$ 6,6 bi em 2019

Prejuízo foi atribuído pela companhia principalmente às despesas relativas ao rompimento da barragem em Minas Gerais, que deixou 259 mortos e 11 desaparecidos e levou à redução da produção da mineradora

Em 2019, ano que começou com o rompimento da barragem de Brumadinho, em Minas Gerais, a Vale registrou prejuízo de US\$ 1,68 bilhão (R\$ 6,67 bilhões). Em 2018, a mineradora havia lucrado US\$ 6,86 bilhões (R\$ 25,65 bilhões). Segundo a Vale, o resultado negativo foi provocado principalmente pelos gastos relativos ao rompimento da barragem, que somaram R\$ 28,8 bilhões, incluindo reparações e provisões. A tragédia, em janeiro do ano passado, deixou 259 mortos e 11 desaparecidos, muitos deles funcionários da companhia.

O resultado divulgado ontem foi diferente do esperado pelos analistas, que previam lucro de R\$ 3,6 bilhões no ano. No quarto trimestre, a perda foi de US\$ 1,56 bilhão (R\$ 6,4 bilhões), contrastando com o lucro de US\$ 3,8 bilhões (R\$ 14,5 bilhões) do mesmo período do ano anterior.

Além das perdas com Brumadinho, a companhia informou baixa contábil de US\$ 4,2 bilhões no segmento de metais básicos e carvão, com redução de produção e reservas em diversas operações. A produção de minério de ferro caiu 21,5% em 2019, para 301,9 milhões de toneladas. Com isso, a Vale perdeu o posto de maior produtora global para a anglo-australiana Rio Tinto.

Eduardo Bartolomeo, diretor-presidente da mineradora desde abril, afirmou em comunicado que a companhia segue preocupada em garantir a segurança: “Um

ano se passou desde a ruptura da Barragem I, e gostaria de reafirmar o nosso respeito pelas famílias das vítimas. A Vale permanece firme em seus propósitos: reparar integralmente Brumadinho e garantir a segurança de nossas pessoas e ativos.

A mineradora também mostrou preocupação com a crise provocada pela epidemia de coronavírus na China, maior importador de minério de ferro. Segundo a Vale, “o preço do minério de ferro pode ser impactado no curto prazo, mas deve se recuperar em resposta à atividade de reestocagem e políticas de estímulo”. A companhia também prevê impactos no mercado do carvão.

Os investimentos em 2019 permaneceram em linha com 2018, totalizando US\$ 3,7 bilhões. Em 2020, a Vale espera investir US\$ 5 bilhões, um aumento de 35% em relação ao ano passado. A dívida bruta totalizou US\$ 13,06 bilhões no fim de dezembro de 2019, uma redução de US\$ 2,4 bilhões em relação ao fim de 2018.

VEÍCULO: Correio Braziliense

Data: 21/02/2020

Seção: Economia

Autor: Simone kafruni

Título: Greve não afeta abastecimento

A greve dos petroleiros não tem qualquer relação com o preço dos combustíveis, disse ontem o presidente da Petrobras, Roberto Castello Branco, ao comentar os resultados financeiros da estatal, que registrou lucro recorde de R\$ 40,1 bilhões em 2019. “A gasolina subiu simplesmente porque os preços internacionais convertidos em reais subiram”, explicou. O executivo também garantiu que a companhia está preparada para enfrentar uma longa paralisação dos funcionários, sem que haja risco de desabastecimento. A greve deve ter um desfecho hoje, em audiência de conciliação marcada pelo Tribunal Superior do Trabalho (TST). “Não houve perda de uma gota de produção. Além disso, temos estoques, existem importadores, o mercado é aberto”, justificou.

O diretor de Relacionamento Institucional da Petrobras, Roberto Ardenghy, explicou que, no momento em que a greve foi anunciada, a empresa colocou em ação os planos de contingência. “Eles se mostraram bem-sucedidos. Mantivemos os níveis de produção, transporte e refino, e o mercado abastecido”, ressaltou. Ardenghy destacou que a empresa participará da audiência pública de conciliação, com a condição do retorno dos funcionários. Estamos coletando informações de nossas unidades onde houve paralisação para ver se todos retornaram ao trabalho”, disse.

O diretor afirmou que a expectativa sobre a conciliação é positiva. “Para os funcionários da Ansa (Araucária Nitrogenados S.A., no Paraná, empresa fechada pela companhia e cuja demissão em massa de funcionários provocou a greve) oferecemos um pacote bem competitivo em termos de desligamento”, justificou. “Remuneração reforçada, programa de requalificação, assistência médica por dois anos. Por isso, não esperamos retorno da greve”, afirmou. Se a negociação falhar, contudo, Ardenghy assinalou que a empresa retomará o plano de contingência, “sem impacto na produção e sem justificativa para aumento de preço”.

Refinarias

A venda de oito das 13 refinarias da Petrobras é parte do plano de desinvestimentos da companhia e também alvo dos protestos na greve dos petroleiros. Segundo Castello Branco, a expectativa é fechar negócio logo. “Espero assinar acordos de compra e venda este ano e concluir as vendas em 2021”, assinalou.

Ao comentar o lucro recorde da Petrobras em 2019, o presidente da empresa disse que a contribuição da companhia para o Brasil foi de um valor seis vezes maior. “A Petrobras é a maior contribuinte do país, de longe. No ano passado, foram R\$ 246 bilhões para os governos. Se a Petrobras for dirigida de forma responsável, contribui para a sociedade, porque esse montante vai financiar educação, investimento em saneamento básico, segurança pública, saúde, todos os fins que o Estado deve dar.”

O executivo destacou que a epidemia de coronavírus não afetou as exportações da Petrobras. “Janeiro foi mês recorde de exportações, fevereiro, até onde sei, não houve redução significativa. Está indo bem”, disse. Ele admitiu, no entanto, que, apesar de não ter impacto na quantidade, influenciou no preço do petróleo. “Isso vai se refletir no resultado do primeiro trimestre de 2020”, estimou.

A China é grande importadora de commodities e sempre será mercado importante para a Petrobras, reconheceu Castello Branco. “Mas não podemos ficar dependentes de um único mercado. Por isso, a área de refino tem procurado melhorar seus esforços de exportação, marketing dos produtos, para oferecer nossos óleos mais valorizados no mercado internacional. O combustível marítimo tem sido vendido com spread bem bom”, comentou.

Questionado, o presidente da Petrobras não antecipou nada sobre a oferta de ações (IPO) da BR Distribuidora. “Teremos novidades na próxima semana”, disse, apenas. Sobre a mudança no Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) dos combustíveis, discutida pelo governo, Castello Branco

também foi evasivo. “A Petrobras é uma empresa, não fazemos políticas, nosso papel é vender combustíveis nas refinarias e seguimos a paridade de preços internacionais”, rebateu.

Dívida

A dívida da Petrobras segue alarmante: US\$ 87 bilhões. “A dificuldade de diminuir a dívida é porque ela ficou gigantesca. No ano passado, pagamos US\$ 24 bilhões. Mas decidimos aumentar os investimentos”, justificou Castello Branco. Segundo ele, a estatal investia pouco, US\$ 500 milhões em produção de petróleo e elevou o montante para US\$ 2,5 bilhões anuais. “Precisamos manter o ritmo de produção para garantir o futuro da companhia. Nosso desafio é reduzir a dívida com melhora da empresa. É difícil”, assinalou.

Em 2019, a empresa investiu US\$ 27 bilhões e os desinvestimentos somaram US\$ 16,2 bilhões. “Se não tivéssemos desinvestido não teríamos dinheiro para disputar o leilão da cessão onerosa. Estamos escolhendo os melhores ativos. Não é downsize (diminuir), mas smartsize (ficando com um tamanho inteligente)”, analisou.

Castello Branco acrescentou que acredita ser possível vender a participação da Petrobras na Braskem até o fim deste ano. “Tratamos com a Odebrecht e a ideia é transformar as ações preferenciais em ordinárias, com direito a voto, listar no novo mercado e utilizar o mercado de capitais para sair da empresa”, disse.

A Petrobras é a maior contribuinte do país. No ano passado, foram R\$ 246 bilhões. Se a empresa for dirigida de forma responsável, contribui para a sociedade, porque esse montante vai financiar educação, saneamento básico, segurança pública, saúde.

Roberto Castelo Branco, presidente da Petrobras, ao comentar o lucro de R\$ 40 bilhões em 2019

MME / ASCOM .